

A IGREJA NO CUMPRIMENTO DOS PROPÓSITOS DA CRIAÇÃO DE DEUS

Dwight D Swanson, NTC Manchester

A grande narrativa da Escritura Cristã tem sido visto como uma ‘história da salvação’, e com boa razão. O foco particular desta narrativa na Teologia Ocidental, contudo, tem se estreitado a uma ênfase na salvação pessoal como o objectivo dessa história: Deus me ama, mesmo eu.

Isto, com certeza, tem raízes profundas na piedade evangélica, e hinoграфия. A mais amada de Charles Wesley ‘e pode ser’ repete o refrão, ‘Espantoso amor! Como pode ser isso Tu és, meu Deus, pôde morrer por mim?’ a descrição do John Wesley a entrada diária da sua ‘experiência de Aldersgate’ encontra a sua grandíssima ressonância para o leitor moderno quando escreve, ‘Senti o meu coração estranhamente quente. Senti que confiei em Cristo só para a salvação; e uma certeza foi me dada, que Ele levou os meus pecados, mesmo meus, e salvou-me da lei do pecado e da morte.’ Provavelmente, é esta expressão da doutrina de segurança Cristã que tem tido grandíssimo impacto nas igrejas mais largas—mais do que o seu assunto central para a perfeição Cristã—e está no coração da expressão da fé evangélica. A redenção oferecida em Cristo Jesus é para todos os pecadores, e cada um pode conhecer salvação pessoal.

Contudo, o foco no indivíduo chegou em muitos lugares a encorajar uma vista egocêntrica de fé, a última expressão do qual pode se encontrar nos hinos da adoração popular com líricas tais como ‘Levaste a queda, e pensaste em mim acima de tudo’.¹ Teologicamente, este hino aparece para dizer que todo o propósito do trabalho redentor de Deus em Cristo Jesus é por causa de mim; quando morreu, Jesus pensou Dwight Swanson!

O trabalho pessoal exterior da salvação, contudo, precisa de ser feito num contexto mais grande—nada menos que isso dos propósitos de Deus por toda a sua criação. concerteza, a igreja precisa de ser colocada dentro do contexto dos propósitos de Deus para toda a sua criação. Tão certo como criou tudo ‘bom’, assim planeou na redenção restaurar o bom de toda a sua criação.

Para pessoas de santidade isto tem uma distorção adicional. O perigo para nós é, primeiro, em pensar na santidade fora dos propósitos da criação de Deus; e, segundo, em considerar como pouco mais que uma experiência pessoal. Não podemos falar de santidade

¹ Michael W Smith

peçoas como se isso fosse uma tarefa privada para indivíduos. O frequentemente citado John Wesley (se malentendido) dito, levemente parafraseado, que não ‘há santidade senão santidade comum’² deve ser colocada junto das prévias citações de Wesley. Ao discutirmos a natureza da Igreja, nós povo de santidade estamos a discutir o trabalho externo a criação de Deus de um povo santo.

Se a história da salvação for vista como Deus trabalhando seus propósitos da sua criação na redenção da humanidade, o lugar da Igreja como comunidade santa torna-se mais crítica. Em seguida olharemos a história do trabalho redentor de Deus com ênfase nos aspectos comunais dessa redenção. Consideraremos o ‘nós’ da salvação antes de pensarmos no ‘eu’. Esta é uma tentativa consciente de olharmos para as Escrituras através de lentes dos primeiros ouvintes e leitores, que viveram em sociedades que pensavam primeiro em termos de ‘nós’ antes de ‘eu’; e nisto no Oeste devemos pegar no vislumbre da aproximação à vida comum muito do mundo fora o Oeste.

*Propósitos da Criação de Deus*³

Tendo já usado esta frase várias vezes, é talvez tempo de definir que se pretende com o seu uso. Por isto queremos dizer simplesmente que o canon bíblico apresenta uma narrativa que revela que os actos criativos de Deus tem um propósito. O propósito, como narrado em Genesis 1, é uma ordem de relacionamentos entre Deus, os céus e a terra, e as criaturas colocadas nos céus e a terra incluindo, talvez enfaticamente, os humanos. Genesis 1:27b, ‘macho e fêmea os criou’, e Genesis 2:24, ‘portanto, deixará o varão o seu pai e sua mãe, e apegar-se-á a sua

2

Estou certo de que serei nem o primeiro nem o último e referir-me a este ponto capital Wesleyano neste cenário de conferência. A citação original, ‘não há santidade senão santidade social’, é do prefácio à edição 1739 dos *hinos e poemas sagrados*. Vejo que em algumas línguas a tradução será a mesma para ambas palavras Inglesas. A fobia corrente para a palavra ‘social’ na política conservativa Americana discorrer como significando socialismo deve sugerir que Wesley era socialista; este termo deve sugerir comunismo. Mas ambos podiam ser um fracasso de entender os termos.

3

O amplo desenvolvimento deste tema é semelhante àquele do Richard Bauckham nesta *A Bíblia e a missão: Testemunho Cristão num mundo pós-moderno*, Paternoster, 2003, e mostrará afinidades a um largo alcance de intérpretes do Pentateuco, particularmente Levítico.

mulher, e serão ambos uma carne’, explica o trabalho externo destes propósitos como essencialmente sociais e comuns. Deus escolhe cumprir os seus amorosos propósitos da criação na sociedade humana. Que é, Deus planea uma humanidade em plena comunhão com ele mesmo, e uns com os outros—e, não para ser esquecido, com a ordem criada em seu redor. Tudo o que podemos fazer do que acontece em Genesis 3, estes propósitos continuam imutáveis.

O Relacionamento danificado e as sementes de restauração

Genesis continua a descrever os danos feitos aos relacionamentos. O pecado da Humanidade quebrou ambos relacionamento com Deus e a comunidade humana, e Deus propôs em Hesus Cristo restaurar relacionamentos em guardar com os propósitos da sua criação. Gn 3:14-19 descreve a natureza da brecha da fé com Deus em termos de inimizade, dor, e morte. Uma pergunta não declarada levanta-se lá no fim de Genesis 3: o que é que Deus vai fazer disto? O resto da Escritura é a história de como Deus age para restaurar a humanidade a seus propósitos. Para começar, contudo, Genesis 4-11 estreita o foco assim como aos meios, ou agente, de restauração.

Isto pode ser visto num número de ‘novo começo’ que não provam levar à restauração. Primeiramente somos apresentados a Noé no fim da lista genealógica de Genesis 5. Ai o padrão de ‘ele viveu muitos anos, tornou-se pai, viveu muito mais anos, depois morreu’ nas primeiras nove gerações de Adão (além de Enoque) é quebrado pela expansão na nomeação do Noé. Ele é nomeado ‘Descanso’ porque ‘fora do campo que o Senhor amaldiçoou esta trará descanso ...’ (5:29). verdadeiramente, nós fomos projectados a entender que este é o tal através do qual Deus planea restaurar a humanidade.

Este entendimento parece confirmado em Gn 6:1, onde ‘o ser humano começou a multiplicar na face da terra’. Um novo ‘começo’! assim esperamos, em primeiro lugar, que os ‘filhos de Deus’ serão agentes nesta salvação. Mas isto prova uma ilusão pouco vivida, como resultado da união dos filhos de Deus e filhas dos homens não é restauração, mas perversidade universal (6:5).

Duro nos calcanhars deste falso começo, a narrativa volta a Noé, que é distinguindo pela sua justiça em contraste ao resto da humanidade. A nossa pergunta é, como é que Noé trará o resto? Procuramos a resposta no fim do dilúvio, e encontrar um novo começo. Deus pronuncia

bênçãos sobre Noé e sua família (9:1), selanco a sua promessa com uma aliança; e Noé planta um jardim. Tristemente, uma vez mais, a esperança inicial de um novo começo é perdida cedo, desta vez na problemática história de embriaguez de Noé e seus resultados.

Onde é que será encontrada a redenção?

É, talvez, algum cepticismo que lemos a lista de geração em Genesis 11. Segue um padrão similar à do capítulo 5, e semelhantemente quebra o padrão na geração final para lista três filhos. Noé não trouxe descanso; o que podemos esperar de Tera? Não muito; ele morre. De seus três filhos, um more antes dele, e um não pode ter filhos. Há uma pequena esperança no fim de Genesis 11. Mas Genesis 12 xcomeça com um outro pronunciamento de bênçãos de Deus—ele abençoa a Abraão, e os descendentes que virão dele, e todas as nações através dele.

A repetição de ‘bênção’ cinco vezes em três versículos chama a nossa atenção a essa passagem nesta narrativa. Isto é diferente do novo começo que precede, porque vemos rapidamente que os propósitos de Deus estão agora focalizados neste único homem, e é através deste único homem que Deus planea trazer a bênção da criação para toda a terra. Deus escolhe um homem particular, mas como pai fundador de uma família particular através da qual exhibirá a sua redenção.

Este texto é o ponto capital, teologicamente, para a nossa compreensão dos propósitos de Deus. Nestes versículos temos uma respostas para a questão da redenção: virá a toda a criação através de um povo da escolha e feitura de Deus.

Um Deus santo no meio de um povo santo

Não é o propósito deste papel recontar a narrative bíblica inteira. Tendo estreitado o foco de Genesis 12:1-3, podemos agora sair directamente ao pleno desenvolvimento do tema, como revalado em Sinai. O texto chave para o entendimento que amarra a linha de Genesis 12 is Êxodo 19:5-6: ‘agora então, se me obedeceres fielmente e guardares o meu concerto, serás a minha posse entesourada entre os povos. Concerteza, toda a terra é minha, mas vós series para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa’ (TNK).

Este é um grande texto de ‘santidade’, e é digno considerar a sua importância no movimeto da história bíblica. Primeiramente, estes versículos do prefácio a toda a narrative de Sinai até a partida do povo de Irsael à terra da promessa. Assim nos dão em suma o propósito

essencial de tudo o que se segue—a revelação em Sinai contém o índice da aliança de relacionamento de Deus com o seu povo. Esta é a nação que descendeu de Abraão, e este é o cumprimento da bênção de Genesis 12 (Êxodo 19:3). Em segundo lugar, o relacionamento entre a bênção na descendência de Abraão e a bênção em todas as nações da terra em Genesis 12 é clarificado na frase, ‘reino de sacerdotes’. No Sinai Deus forma um povo cujo propósito é server todas as nações da terra como mediadores de Deus. Todas as coisas que seguem a revelação do Sinai é uma descrição desta função sacerdotal. Em terceiro lugar, este papel sacerdotal requer que as pessoas sejam santas para Deus—consagradas a este serviço, e mantendo relacionamentos santos porque estão a viver com o Santo no seu meio.

Nada disto é novo a qualquer que ler este texto e ouvir este papel. Mesmo assim, é importante enfatizar a centralidade do que acabou de ser anotado. e, precisamos de relembrar que isto é tudo sobre um povo. Não é chamada a uma santidade indiidividual, é para toda a comunidade de fé.

Tudo isto entra directamente na nossa descrição dos propósitos da criação de Deus. Ambos Genesis 12 e Êxodo 19 deixa claro que o propósito da santa aliança da comunidade é modelar os propósitos da criação de Deus para a humanidade. E, crucialmente, ser o meio pelo qual a humanidade é restaurada a Deus. Voltaremos a este propósito hodierno quando discutirmos o Novo Testamento, onde é mais explicitamente mostrado. O peimwiro contudo, é o foco do Pentateuco.

O Novo Testamento proclama que Cristo veio cumprir a Lei (Mt 5:17), e como o fim da Lei (Rm 10:4). O resultado prático que isto tem em muito do pensamento e prática Cristã é ver o Velho Testamento como redundant ou irrelevante. O ponto de vista forte de Reforma que a velha aliança é sobre justiça-obras, e legalismo (com a sua ênfase no indivíduo), encoraja o Cristão a considerar as ‘legais’ secções do pentateico como de pouco uso. Seja como for, precisamos de considerer só o que Cristo ensinador preenche; entender como Cristo é o objective da lei, precisamos de segurar no ponto inicial. Estas são duas pistas importantes a entendermos como estes trabalhos que se encontram na história da narrative em si.

A primeira pista é aquela dos arranjos do espaço no Deserto: que é, a arrumação do povo no campo. O campo é referido muitas vezes em Êxodo-Números, começando com a chegada do povo de Israel no Sinai (Êxodo 19:16). Contudo, não é até Números 1-2 que somos dados a

descrição deste campo. A arrumação ideal do povo de Deus está com o Tabernáculo mesmo no centro. Em Êxodo 40:34 a glória do Senhor enche o Tabernáculo, assim a presença do Senhor é visível lá. A centralidade do Tabernáculo coloca o Senhor mesmo no centro do seu povo. As famílias Levíticas são então colocadas em volta do Tabernáculo como um para-choques (Nm 1:53) entre a intensificada pureza do Lugar Santo e o povo correndo cada um pela vida diária. Depois, em volta de, o povo de Israel está acampado, três tribos em cada lado do Tabernáculo. Este é o campo. O povo, dentro do campo, é santo pelo relacionamento com Deus no seu meio. Toda a vida do povo é organizada com com a consciência aguda do Santo no literal assim como no centro figurativo da vida.

O Livro de Levítico é todo acerca de como viver com o Santo no meio. A oferta de sacrifícios e obrigações de pureza (Lv 1-16; ou, amar a Deus com todo o teu coração, etc), e as instruções de como viver na Terra (17-25; ou, amar o próximo como a si mesmo), instrui o povo como poder aproximar-se do Santo, e como viver como um povo santo em relação a este Santo. Este é o mundo conceitual do Pentateuco. Este é o modelo para a comunidade humana em relação a Deus, o paradigma de relações restauradas: o povo de Deus, sacerdócio santo, acampado em volta da presença do Senhor, no laço da relação da aliança com Deus.

A segunda pista para entender é contida dentro da primeira, e essa é a centralidade de santidade para o povo de Deus. Se a figura do campo coloca o Deus Santo no centro da vida da comunidade, em Levítico o mandamento de ser santo como Deus é santo pode ser visto a ser o centro da narrativa, ambos literalmente e figurativamente. Em termos literários, a estrutura de Levítico foi descrito como um anel, com o capítulo 19 como ponto de viragem.⁴ Mais do que ler o Livro consecutivamente numa forma linear, este entendimento de estrutura literária significa que a primeira metade do livro desenvolve-se para o ponto gradual em Levítico 19, e então a segunda metade espelha o conteúdo da primeira metade desse ponto de viragem. Esta vista é altamente significativa, porque faz Levítico 19:2 a chave central de todo o livro. Que é, ‘serás santo por eu, o Senhor teu Deus, sou santo’ é o tema orientador de todo o livro de

⁴ Mary Douglas, *Levítico como literatura*, Oxford, 2001; seguido por Jacob Milgrom, particularmente a ser visto em seu três volumes de comentários em a série Anchor Bible por Yale University Press.

Levítico, e Levítico está no coração da descrição dos propósitos restaurativos de Deus para o seu povo.

Isto é música para os ouvidos do povo de santidade! Devíamos ser tentados a dizer, ‘vos dissemos isso!’ aos comentadores. Mas, nós, povo de santidade precisamos de ter cuidado antes de vangloriarmos. A tradução inglesa deste versículo (e de 1 Pedro 1:15-16) obscura alguma coisa que a Versão King James não o faz (mas que ignorância do inglês Elizabetano obscura também). O KJV diz, ‘sede santos...’. ‘Ye’ é o agora perdido segunda pessoa na forma plural. O mandamento não é, como temoos constantemente pregado, primeiramente ao indivíduo. O mandamento é ao ovo de Deus, a comunidade de fé.

Precisamos também de notar que esta santidade ordenada não é uma ‘coisa’ temos que ter—nem mesmo uma experiência. Antes, é o *imitatio Dei*, a comunidade de fé vivendo como imagem de Deus, como Deus a humanidade para viver.

Com estes dois factores estruturalmente centrado na mente, podemos ver que guardar a Torah é o meio pelo qual relacionamento com Deus e dentro do povo de Deus é vivido. Ajuda a explicar a ‘lei’ aspecto da Torah. As leis do Pentateuco são descritos de como de como o povo vive em relação a cada um deles, e assim a Deus. Quando estas instruções para o viver humano são seguidas, eles estão a viver justamente, e fazendo o que é justo. O resultado da justiça é *shalom*, paz.

Para resumir o que temos estado a tentar dizer até aqui. Estamos a discutir que a narrativa do Pentateuco revela que o plano de Deus para redimir a humanidade para a relação integral a ele mesmo, e a restauração da criação a seus amorosos propósitos é através de um povo de sua feitura e escolha. Este povo é para modelar a justiça e paz a toda a humanidade, como exemplo brilhante do que Deus planeou para a sua criação, e para si mesmo. O fim de Deuteronomio encontra este povo no Rio Jordão, preparado para entrar na terra da promessa. Esta conclusão flexível ao Pentateuco deixa a pergunta, ‘O povo de Deus cumprirá a sua promessa?’

Quando voltamos para o Novo Testamento, precisamos ver como o povo de Deus não muda. Que é, o Velho Testamento não é o “Plano A” de Deus que falhou e depois ele instituiu Jesus como “Plano B”. Antes, Jesus Cristo foi sempre o objectivo e cumprimento dos propósitos de Deus. Por isso, muito mais que considerar a narrativa do Velho Testamento como sendo irrelevante, precisamos de ver como as acções de Deus em Cristo trazem esta narrativa à fruição.

Comunidade de Trabsformação

Temos tomado algum cuidado no decifrar o caso do Velho Testamento ambos porque é talvez uma aproximação menos familiar para muitos, e porque é tão importante fundamento para olharmos de novo no Novo Testamento. Antes de virarmos directamente ao Novo Testamento, de qualquer maneira, é bom tirarmos o contexto dentro do Segundo Templo do Judaísmo no qual Jesus é nascido.

Alguém pode ainda ouvir pessoas falando sobre os 400 anos de silêncio que durou entre o fim do canon do Velho Testamento e o Novo, entre Malaquias e Mateus. A parte à questinável datação de ambos livros do Velho e Novo Testamento em tal ponto de vista, e o seu monocromático foco no canon, o vasto conjunto de literatura que sobrevive deste este período de tempo—não menos nas descobertas na região de Qumran—revela uma cacofonia de vozes rivais a serem ouvidas em todos esses séculos. Quando olhamos a esta literatura, ouvimos as conversações que estavam tendo lugar nos tempos de Cristo, e os parceiros de conversa dos escritores do Novo Testamento. Muito do que sobrevive pode ser descrito, talvez anacronisticamente, como teológico, no sentido de que há uma ansiedade por cima para compreender e explicar suas situações contemporâneas à luz do passado, e esse passado é definido em larga escala pela Escritura, a lei de Moisés. Nos tempos de Jesus, qualquer grupo que quizesse ser de influência dentro do Judaísmo tinha que legitimar suas acções numa linha directa da história dos propósitos de Deus para o seu povo, começando pelo menos com Abraão, e como revelado no Sinai.

E o que encontramos ao lermos a literatura desse tempo é que eles exp+ressam o seu entendimento do povo de Deus em termos de pureza e santidade. Todos os grupos religiosos do tempo de Jesus eram orientados ao Santuário e à presença de Deus, e assim todos eram grupos de ‘santidade’. Os Saduceus, como líderes do sacerdócio, naturalmente viam-se como sendo os guardadores do Lugar Sagrado. Os Fariseus, um movimento leigo, buscavam viver a sua vida diária ao nível da pureza que os permitiria a entrada ao Santuário a todo momento. Os essénios,⁵ rejeitando o templo hierárquico, buscava viver em comunidade como um Lugar Santo,

5

Este termo inclui o comentário conhecido dos textos encontrados na área de Khirbet Qumran.

e quando se reuniam, tornavam-se o Santo dos Santos. Mesmo os fanáticos estavam à busca da santidade; a revolta deles era uma tentativa de limpar a Terra Santa da impureza dos Romanos.

Os Judeus do tempo de Jesus expressavam as prioridades de suas vidas diárias na linguagem de pureza, uma pureza suficiente que constantemente reconhecia a Deus no coração da existência deles, e isso preparava o caminho para a adoração a Deus no seu lugar santo.⁶ Notavelmente, este sistema de pureza requeria graus crescentes de separação daquilo que era declarado impuro.

É neste cenário que devemos ler o Novo Testamento e particularmente os Evangelhos. Jesus cria o povo de Deus da nova aliança, como comunidade santa cumprindo os propósitos da criação de Deus. A igreja corpora esta santa comunidade.

Cada um dos evangelhos apresenta esta figura em maneira diferente, mas pode ser visto mais claramente no Evangelho de Mateus. Nos primeiros capítulos Jesus é apresentado como cumprindo nele mesmo os propósitos para os quais Deus preparou o seu povo. Do seu nascimento ao seu ministério primário, a sua vida recapitula aquela de Israel: Descendo para Egipto, sendo chamado do Egipto, o seu Êxodo no rio Jordão, quarenta dias no deserto, e depois vindo à ‘montanha’, onde ele junta o povo em seu redor. Desta maneira Jesus ‘cumpre toda a justiça’ (Mt 3:18) como era esperado de Israel (Dt 6:25). Ele aparece para ser o segundo Moisés, chamando um novo povo de Deus junto (com 12 líderes), com uma nova lei, a lei do amor (assim, o Sermão do Monte, e os Grandes Mandamentos).

O significado desta narrativa é que, numa mão, Jesus corpora nele mesmo a obediência ao Pai no mesmo ponto em que o povo falhou. Pela sua obediência o povo de Deus pode aprender obediência. Noutra mão, a narrativa de Jesus compassa a sua relação com o seu povo. A relação deles com ele será a fonte da vida deles. Ele é o Santo no meio deles. Eles têm que ser um povo santo, o *imitatio Christi* que é o testemunho visível ao trabalho redentor de Deus em Cristo.⁷

⁶ Em todos o caso, talvez possamos, apontar a explanações políticas e sociais para a diferenciação destes grupos. Independentemente desta ‘realidade’ das políticas do dia, o facto é incontestável de que qualquer legitimidade política tem que ser expressada em termos de pureza, mesmo intarpretado para limpeza ética.

⁷ Isto foi dado expressão pelo meu colega, Kent E Brower, em *Santidade nos Evangelhos*,

Jesus, contudo, pela sua presença como o Santo no nosso meio, faz o revés da ideia de santidade de separação à de contação. Jesus repetidamente encontra pessoas que o tornariam impuro (o leproso, a mulher do fluxo de sangue, os publicanos, ‘pecadores’), mas pela sua presença e o seu toque são feitos puros e limpos. Assim, santidade não é algo através da qual se proteger do profano, mas que encontra o profano para torna-lo santo também. O lugar para o povo de Deus ser santo não é na separação do mundo, mas no alcançar o mundo. A igreja não tem medo de contaminação pelo mundo, mas alcança-o para trazer transformação.

O mesmo pode ser ilustrado através do Novo Testamento. A mesma expressão dos propósitos de Deus para o seu povo na linguagem de pureza e santidade foi expostado por pessoas de santidade. Neste ponto podemos simplesmente chamar a atenção à natureza corporada desta expressão. Atendendo que Paulo, por exemplo, lembra aos crentes que seus corpos são templos de Cristo (1 Co 6:19), ele muitas vezes fala à igreja como um templo (e.g., 1Co 3:16-17; e particularmente Ef 2:21, como uma outra expressão da nova humanidade em Cristo). O seu uso da imagem da igreja como o corpo de Cristo é uma outra maneira de expressar a relação entre Jesus e o seu povo descritos nos Evangelhos. O corpo é santo pela relação integral à Cabeça, Cristo. A igreja é o corpo de Cristo neste mundo, Cristo ao mundo. É em e através da semelhança com Cristo com a sua igreja que o mundo vê a Cristo e é transformado por Cristo.

Ambas estas imagens vêm na correspondência do Paulo com a igreja em Corinto. Uma vez sugeri a um grupo de pastores que, em vez de ser vista como igreja de problemas, Corinto de Corinto devia pensar como de ‘igreja perfeita’. É a única igreja que Paulo faz o ponto particular de santa vocação (1 Co 1:2: ‘aos que são santificados em Cristo Jesus, chamados a serem santos’)! Ter certeza, era cheia de problemas, mas havia o tipo de problemas que se levantaram numa igreja que abraçara o mundo para a sua transformação. O vislumbre que temos desta igreja ficava numa cidade de um intenso paganismo é um possível paradigma de como uma igreja santa trabalha. As pessoas se tornam ‘santas’ tal como elas são, não se esperava ser ‘perfeito’ antes de ser permitido para a membrazia, e dentro da comunidade de fé são transformados através de vida santa do povo de Deus. Talvez é um exagero chamar isto de ‘perfeito’, mas é uma descrição bíblica de como a igreja é santa mesmo quando indivíduos ainda não sabem o que isso significa.

Kansas City, 2005, e então necessita apenas de alusão aqui.

Imaginando uma Igreja Santa

Podemos agora vir a fazer algumas observações desta narrativa que endereça o nosso tema. Temos tentado destacar a ênfase comunal essencial da narrativa da Escritura. A ênfase moderna no indivíduo para o entendimento da salvação, enquanto um importante desenvolvimento da consciência das implicações pessoais do Evangelho, tem servido no ocidente para obscurecer o foco primário no lugar do povo de Deus, da Igreja. Os autores bíblicos escrevem em termos de ‘nós’ e ‘nos’, em vez de ‘eu’ e ‘me’. Evangelicalismo, incluindo o Movimento de Santidade, tem enfatizado o ‘eu’ à deluição de ‘nós’ a tal extensão que há pouco sentido de compromisso com a Igreja. As inumeráveis ramificações de Igrejas Evangélicas, cada uma fazendo o que é certo em seus próprios olhos, há evidências suficientes disto.

Mas êndase na salvação do indivíduo, e santidade do indivíduo, reduziu o viver santo na jornada pessoal através da vida. Como isto relaciona-se à missão de Deus é raramente considerado. Mesmo o termo ‘evangelismo de santidade’ funciona na prática como uma chamada à salvação pessoal usando a linguagem de santidade. Deixe-me clarificar, esta apresentação não está tentado substituir a importância da santidade pessoal com a santidade social; está a tentar reordenar a prioridade da pessoal e da social vista dos propósitos da criação de Deus.

Que tal se nós, como uma igreja de santidade, vivéssemos como se como vivemos juntos é o propósito para a nossa existência? Se nos vemos a nós mesmos como um povo o Santo no coração da nossa existência, a expressão dos propósitos da criação de Deus sendo vividos nesta presente era pecaminosa, por causa da redenção d mundo de Deus?

Em primeiro lugar, a congregação local, quando vista por estes modelos bíblicos, é para ser a visível expressão local da humanidade redimida e humanidade a ser restaurada, vivendo junta à luz dos propósitos criativos de Deus—sempre por causa de toda a criação e não nós. Como tal, a igreja não é simplesmente um número de pessoas tentando viver as suas próprias santas vidas, mas na sua vida partilhada são o modelo do santo povo de Deus, que amam a Deus e uns aos outros, que é *shalom*. Esta *shalom* é vivida à margem das regras do embate do Reino de Deus com o reino deste mundo, e o resultado dos devastadores efeitos do pecado nas vidas pessoais. A igreja abraça a doença-pecado, como estão, envelopar-lhes dentro do amor de Cristo na comunhão dos crentes, e a cura flui. Dentro do templo.

O particular foco deste papel é a intersecção da teologia bíblica com a vida da igreja local, na qual a santidade é entendida além dos tradições conceitos individualísitvos e permeam todos os aspectos a vida da igreja. A comunidade local de fé é a expressão primária da presença do Reino de Deus quebrando a presente era. Além da Igreja local, contudo, isto tem significantes implicações de como a igreja local relaciona-se com outras igrejas. Em primeiro lugar, como uma denominação, na qual conexão é de vital importância, e a chamada à santidade é a nossa razão para a existência, esta narrativa compele-nos a expandir o nosso segurar no que tipo de santidadeé que essa vocação é que herda. Nesta narrativa, santidade não é o objectivo; purificação e enchimento do Espírito não é o fim da salvação. Santidade é o requisito para o serviço que flui da relação ao Santo no meio de seu povo; serviço que que dilata-se da comunidade redimida e transformada.

Com certeza, a Igreja do Nazareno não é a única expressão da Igreja que existe, embora muitas vezes agimos como se fôssemos. Se for suficientemente difícil conceber de uma igreja santa que abraça pecadores dentro dela, é por muito mais difícil conceber como os que vagueam, conglomerações contenciosas de pessoas que se chamam Cristãos em todo o mundo pode ser santo.⁸ Podemos desejar despedir uma larga percentagem desta ‘assim chamados’ Cristãos como ‘nominais’, ou mesmo deludidos. Mas temos que aceitar, à luz desta narrativa, que somos família, mesmo se muitas vezes separados. Em vez de Cristianizar outras formas de Croistandade fariamos bem ver-nos como os líderes da igreja primitiva faziam, existir por causa do resto da Igreja, chamando-a à santidade. Não como aqueles que já são perfeitos’, mas por causa de si mesma, e por causa daquele que nos ama, e deu a sua vida por nós.

Na minha vida a nossa igreja repetidamente angustiada sobre nossa identidade nos tempos de mudança, e na face do impacto muito limitado no mundo em nossa volta (vamos ser honestos aqui). Talvez parte das nossas dificuldades é que definimos santidade em tão estreitos termos que estamos destituídos do glorioso potencial da nossa vocação. Se a nossa identidade como um povo santo está na expressão de uma doutrina particular de um momento em temp+o

8

Estando na Igreja do Santo Sepulcro em Jerusalém é um resumo deste enigma. Toda a gente empurrando para um lugar naquela estrutura ímpar, muitas vezes na verdade agredindo uns aos outros, é, contudo, de alguma forma a Igreja de Jesus.

em que a santidade começa, então o nosso mundo é mesmo pequeno.. se a nossa identidade está em plenos propósitos redentivos de Deus, temos um mundo de graça a explorar!